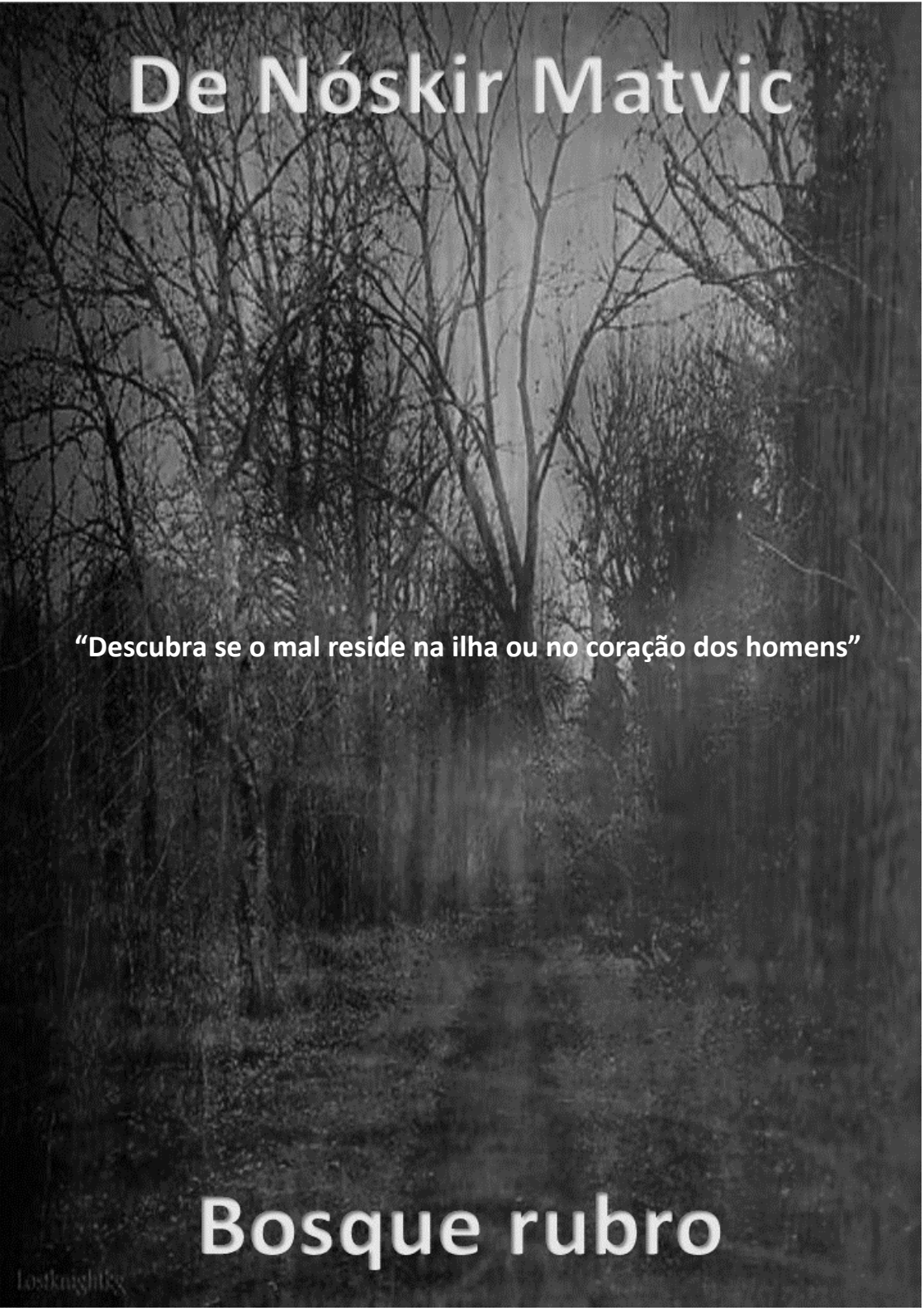

De Nóskir Matvic
“Descubra se o mal reside na ilha ou no coração dos homens”
Bosque rubro


De Nóskir Matvic
“Descubra se o mal reside na ilha ou no coração dos homens”
Bosque rubro

Nóskir Matvic

# Bosque Rubro

“Descubra se o mal reside na ilha ou no coração dos homens”

**Título original: Bosque Rubro.**

**Uma obra de; Nóskir Matvic.**

**Copyright © 2018 Nóskir Matvic**

**Categoria: Terror, Suspense, Mistério e Drama.**

**Diagramação: Nóskir Matvic**

**Revisão de texto: Nóskir Matvic**

**Capa: Nóskir Matvic**

**Fonte: Times New Roman**

**tamanho 12.**

**Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem a prévia autorização por escrito do próprio autor Nóskir Matvic.**

Para meus pais, parentes (destaque especial para Tio Willy por me insetivar a leitura desde pequeno e tio Beto por ter sido meu primeiro leitor e insentivador) e amigos que sempre me apoiaram. E um agradecimento especial ao meu avô (por estar sempre ao meu lado) e minha avó (criadora e contadora de tantas estórias para eu dormir, influência inegável na consolidação deste que me tornei), e por último, porém, não menos importante, minha esposa Amanda.

# Sumário

Prefácio ..... 12

Capítulo I: Quando charutos e bebidas acabam, indicam que é hora de partir. ..... 25

Capítulo II: Desejo inconsciente. ..... 54

Capítulo III: ¿Hay espíritus aquí? Disse o italiano diante da morte eminente. ..... 67

Capítulo IV: A morte interrompe a caminhada. ..... 73

Capítulo V: A morte lhe chama para uma última dança. ..... 78

Capítulo VI: Adeus amigo! ..... 85

Capítulo VII: Nada como um dia após o outro e mais algumas doses de tristeza e de saudade. ..... 91

CapítuloVIII: Dor. ..... 98

Capítulo IX: El ojo derecho. ..... 103

Capítulo X: Un altro amico va via. ..... 108

(Outro amigo se vai). ..... 108

Capítulo XI: Antes de te matarmos diga quem fez isso com você. ..... 134

Capítulo XII: A triste história de Erich Reinmrich. ..... 137

Capítulo XIII: De volta a história. ..... 154

Capítulo XIV: O milagre da morte. ..... 178

Capítulo XV: Adiós Pablito. ..... 181

Capítulo XVI: Sigamos para o helicóptero ..... 189

Capítulo XVII: Morte na torre Eiffel. ..... 215

Capítulo XVIII: O último sonho de Erich. ..... 224

Capítulo XIX: Mensagem aos novos visitantes. ..... 234

**Sobre o autor** ..... 242

# ATENÇÃO

Esta obra é uma ficção. Não há nenhum indício de que o local onde se passa a história, tenha de fato existido.
Foram usadas imagens de pessoas reais para ilustrarem alguns dos personagens.

Até aqui só foram reconhecidos como atores reais os seguintes rostos utilizados nesta obra.

**Cláudio Heinrich – Erich Reinmrich**

**Michael Cudlitz – Gustaffson (O sueco)**

**Pâmela Tomé – Pâmela**

**Diego Luna – Pablo (O mexicano)**

Vale ressaltar que não houve a intensão de denegrir ninguém, o texto é de cunho fictício, nenhum nome ou dado é real. Qualquer semelhança é mera coincidência.

Respeito todas as raças, crenças ou religiões.

Esta obra não foi feita para menores. Nela constam linguagens inapropriadas para crianças e adolescentes (de acordo com a lei e a ética)

Como nos textos existem diálogos em espanhol, a tradução virá em seguida entre parênteses. Vale ressaltar, no entanto que apenas o Pablo fala espanhol fluente, uma vez que ele é do México, os demais personagens aprenderam basicamente no decorrer de suas viagens e aventuras.

Obrigado.

# Prefácio

Pouco se sabe sobre o bosque rubro. Seus segredos e mistérios ainda existem até hoje (apesar de não ouvirmos mais falar dele) pelo simples fato de que todos que lá estiveram nunca mais retornaram.

Hoje em dia ele está tomado pelo mar caribenho, mas, o pouco que se é possível lembrar, ainda que visto de longe (de um avião ou helicóptero), é que praticamente tudo neste bosque era vermelho e sua água contaminada por um tipo de alga (ao menos essa foi a explicação daqueles que se dizem "especialistas") a qual também foi a culpada pela coloração vermelho-sangue de seus riachos. De alguma forma isso também nos leva a crer que tal contaminação também é responsável pela coloração vermelha das folhas das árvores ou quem sabe isso seja mera coincidência.

Muitos fanáticos dizem que o bosque é amaldiçoado. Bobagem? Talvez sim, talvez não. Prefiro me apegar a ciência do que simplificar atribuindo tudo o que acontece neste planeta a deuses e a demônios ou espíritos. Além do mais, por que se espantar com um bosque todo vermelho? Por acaso a neve não é

toda branca? O caso é que o ser humano quer resposta para tudo, pois, não se sente confortável com novidades.

As lendas levaram o bosque rubro também a ser chamado de “Bosque de sangue” ou “A ilha que sangra”. E os boatos dão asas a esse tipo de imaginação. Já chegaram a dizer que as pessoas não retornam de lá por causa de um elo perdido ou por causa de alguma entidade de alguma tribo desconhecida. A verdade é que tudo não passam de especulações e sensacionalismo midiático.

O bosque rubro na verdade nem é um bosque e sim um minúsculo arquipélago que fica perto do caribe. Tão pequena é a ilhota que esta conseguiria até mesmo passar despercebida pelo mundo, se não fossem todas as lendas que sua fama carrega. Logicamente isso intensifica-se pelo formato de caveira que a pequena ilha possui. Arrisco-me a dizer que tal formato provavelmente foi criado de proposito pelos primeiros aventureiros. Se estes tivessem saído de lá, certamente contariam muitas estórias fantasiosas e ficariam ricos com isso.

A tal cara de caveira nem de fato é tão parecida assim, estaria mais para o semblante do quadro “O grito”.



(Quadro “O grito” de Edvard Munch)

O fato é que justamente por conta dessas lendas e notícias de pessoas que não retornavam de lá, o mundo resolveu esquecer que Bosque Rubro existia.

Depois dessas inúmeras mortes de aventureiros estúpidos, e após o fracasso de todos grupos de busca em resgata-los e em voltar de lá, o lugar ficou apelidado de “O Bosque do Diabo”, muito possivelmente por conta da coloração vermelha ou “A casa do demônio”.

Todavia, um homem mergulhado em suas pesquisas em busca de riquezas e raridades, descobriu aquilo que possivelmente não passaria de outra lenda. Uma notícia antiga de um jornal mais antigo ainda a qual dizia que no pequenino arquipélago vermelho-sangue haviam muitos itens de valor, deixados pelos visitantes do passado dentro de seus respectivos aviões e suas pequenas embarcações já engolidas pelo mar do caribe e corroídas pelo tempo e pelo sal. Seria verdade? Bom... Essa é apenas uma das inúmeras lendas que perpetuam a misticidade do lugar.

O nome desse homem de 30 anos era Erich Reinmrich.



Loiro alto, estilo galã de novela, sempre com seus óculos escuros estampado na face e sempre pronto para uma aventura

nova, principalmente se esta envolvesse dinheiro. Ele odiava coisas velhas, sua residência era repleta de mobílias das mais sofisticadas e por vezes altamente tecnológicas. Mas, sabia que existiam coisas velhas valiosíssimas no mundo a fora. Uma certa vez em Machu Picchu ele achou um pequeno vaso inca e vendeu por 200 mil dólares no ebay. Também foi em Machu Picchu que ele conheceu um de seus fiéis escudeiros, como ele costumava chamar. Gustafsson era sueco e assim como ele, um mercenário.



Só não matava por dinheiro, o resto era conversável. Gustafsson ficou apelidado por Erich de Sueco. O tal vaso de 200 mil dólares só foi encontrado acidentalmente, quando os dois

Erich e o sueco saíram correndo jurados de morte por um bando de peruanos que estavam à procura de Gustafsson por ele ter "comido" a mulher de um traficante importante. Os dois entraram em uma espécie de caverna, o sueco com motivo e o Erich entrou de gaiato apenas por estar no dia errado e na hora errada no lugar errado. Lá, escondidos Erich acabou esbarrando a perna em alguma coisa que a cortou como uma navalha.

__ Merda! – Gritou Erich levando a mão na coxa direita e rapidamente sua mão banhou-se de sangue. O sueco olhou assustado crendo que haviam peruanos loucos ali, magicamente prontos para matá-los.

__ What happened little man? (O que houve homenzinho?) – Perguntou Gustafsson apreensivamente. Era sueco, mas, falava em inglês, sim, claro, é a língua universal, mas, também arranhava no espanhol. Qualquer aventureiro que se preze precisa saber essas duas línguas se quiser sobreviver mundo a fora.

__ Something cuted me. I am bleeding (Alguma coisa me cortou. Eu estou sangrando) – Explicou Erich. Daí então, O sueco tirou a camiseta preta que estava vestindo expondo seu físico fora de forma apesar de adornado de músculos. Deu a camiseta para

Erich o qual a usou como atadura. Deste dia em diante nunca mais se separaram.

Italiano é o apelido de Massimo Paollo,



um homem alto e fútil, que adora o próprio cabelo razoavelmente comprido, principalmente sua franja que por vezes cobre um dos olhos claros que ele tem. Seus olhos são castanhos, mas, em dias de sol ficam verdes como um lago. Este que veio também a fazer parte da equipe de Erich, o conheceu em um prostíbulo da Itália onde sem querer trocaram de puta. Um comeu a puta do outro, quando cada um perguntou o nome de sua "donzela" descobriram o equívoco. Saíram então de seus

respectivos quartos e então destrocaram. Ao saírem do local novamente se esbarraram. Erich olhou para Paollo, os dois riram e Erich então disse:

__ Oh god! you again? (Nossa! Você de novo?)

__ Do you believe in destiny? (Você acredita em destino?) – perguntou Paollo com seu sorriso sempre encantadoramente branco como porcelana.

__ Yes i do. (sim acredito) – Respondeu Erich. __ Let's drink something! (vamos beber alguma coisa) – Concluiu convidando Paollo para um bar. E os dois se dirigiram para um tipo de pub onde beberam muito e conversaram muito também. Ficaram durante horas comparando as prostitutas e o que cada uma sabia fazer de melhor. Então, em algum momento Erich convidou Paollo para se juntar a uma de suas aventuras milionárias. Contou como funcionava e a ideia o pareceu boa. De tal forma que semanas depois os três (Erich, Gustaffson e Paollo) estavam embarcando para o Tahiti. Lá eles ganharam um presente de um dos habitantes. Um artefato utilizado na Heiva, que é um evento de celebração a vida, muito importante para os nativos e que os levam de volta a suas origens. O utensílio que mais parecia um chocalho foi depois vendido por 150 mil dólares e dividido entre os três.

Tal forma de ganhar dinheiro interessou muito para Paollo que decidiu chamar seu amigo de décadas, Giully o qual era francês.



Antes ele perguntou para Erich se podia trazê-lo, pois, quem começou isso tudo foi Erich e Gustafsson e por conta disso os dois eram vistos como mentores do restante do grupo. Bem... Pelo menos assim o foi durante os dois primeiros anos, depois todo mundo mandava em todo mundo e o importante era ganhar dinheiro, beber e foder. Tanto que houveram aventuras na França, Itália e Suécia. Essas aventuras eram na verdade pretextos para visitar as "famílias", apesar de nenhum do grupo ser tão ligado a

elas. Erich sempre foi questionado pelo grupo por nunca ter tido uma aventura no Brasil de onde era originado.

__ Quem sabe um dia. – Sempre era sua resposta. E ele logo tratava de mudar de assunto. Obviamente nunca ninguém entendeu o por que dele não querer ficar tanto tempo no Brasil. Todos respeitavam sua decisão, mas, concordavam sobre o teor da estranheza. Erich sempre ficava mais sério, quase triste quando alguém vinha com a ideia de se aventurar no Brasil. Ninguém sabia e Erich nunca contou, mas, ele começou essa história de aventura mundo a fora justamente para não ter que ficar no Brasil. Quando ficou rico e não precisou mais permanecer em seu país, ainda assim quis continuar arriscando sua vida e se aventurando mundo a fora, pois, sabia que se não ocupasse sua cabeça com essas coisas, seu coração o faria querer voltar ao Brasil. E voltar ao Brasil significa cutucar antigas feridas.

Prosseguindo com a história...

Houve também uma aventura nos Estados Unidos, onde conheceram Pablo. Um mexicano que havia entrado ilegalmente pela fronteira. Eles estavam andando calmamente nas ruas que davam acesso à Time Square, quando o tal fugitivo veio correndo desesperadamente em sua direção como se tivesse visto um fantasma. Ele tropeçou e caiu bem na frente dos quatro, que

automaticamente começaram a rir. O sueco que estava bebendo sua cerveja em um copo descartável, não se conteve e acabou cuspindo longe a bebida que estava em sua boca fazendo-a parecer um desodorante spray e sua cara branquela um tomate com dentes e barba.

__ Help! Help! (Ajuda! Ajuda!) – Pediu o mexicano (Ele só sabia o básico do inglês) agarrando na calça jeans de Erich o qual fez sinal para que Pablo se levantasse.

__ Calm down! We are not americans (Acalme-se! Nós não somos americanos). – Disse Erich segurando os braços de Pablo. O mexicano nada entendeu. Então, olhou para eles e perguntou.

__ Hablas espanhol? E todos mexeram a cabeça apontando que sim.

__ Oh! Gracias madrecita! Mi inglés no es de los mejores. (Oh! Graças mãezinha![1] Meu inglês não é dos melhores).

__ Hey Erich, better get the cucaracha and get out of here before anyone see us. (Ei Erich, melhor pegar o cucaracha aí e sairmos daqui antes que alguém nos veja). No one runs that way,

[1] Neste caso ele se refere a Nossa Senhora, uma vez que Pablo é católico.

unless he’s being pursued. (Ninguém corre desse jeito a não ser que esteja sendo perseguido). – Disse Gustafsson em inglês para que o mexicano não entendesse.

__ Você acha que estão perseguindo ele? – Perguntou Erich. Todos sabiam um pouco, o suficiente do idioma português, mas, achavam que espanhol era mais fácil de se comunicarem ou em último caso o inglês. Adotar esses dois idiomas era uma forma de tornar as coisas mais padrões.

__ Elle tiene razón. ¡Me persiguen! Cuando me vieron salí corriendo. (Ele tem razão. Estão me perseguindo! Quando me viram eu saí correndo).

__ Então, vamos rápido para o hotel. – Disse Erich e todos seguiram para o Hotel que ficava a algumas quadras dali.

No dia seguinte seguiram viajem para Honduras, não puderam ir de avião senão Pablo seria descoberto! Pegaram então caronas estrada a fora até que conseguiram sair do país em uma embarcação que os levou até o país de destino.

Desde então, Pablo também se tornou membro do grupo.



Todos gostavam muito dele, já que ele era muito engraçado, grande parte das vezes sem querer, sua espontaneidade por si só já era cômica. Também não é preciso dizer que o apelido de cucaracha (dado pelo sueco) pegou. O idioma espanhol por sua vez tornou-se quase que obrigatório. Apenas Erich falava em português mesmo, uma vez que todos entendiam.